

Entrevista com Cid Camposi

Entrevista feita por Beatriz Amaral

BA - Cid Campos, você poderia nos contar como e quando se iniciou o processo da extraordinária parceria que mantém com Augusto de Campos? Qual a primeira obra de Augusto transformada em música por você e que memórias guarda deste momento inaugural?

CC – Desde sempre o convívio com os meus pais foi muito enriquecedor, não só afetivamente como intelectualmente. Em casa sempre se ouvia música de todo o tipo, além das conversas e leituras de poesia que aconteciam em reuniões muito frequentes com artistas, músicos, poetas, pintores e intelectuais, nas quais, muitas vezes, eu estava presente. Meu avô, Eurico de Campos, pai de Augusto e Haroldo, era músico e compositor. Sempre tocava piano e cantava suas músicas. Assim, posso dizer que desde cedo já tinha contato muito estreito com música e mesmo sem entender muito bem, com a poesia de Augusto. Lembro que, junto com meu irmão Roland e meus pais, nos divertíamos lendo alguns dos poemas coloridos de "POETAMENOS", onde cada um escolhia as palavras de uma cor e fazíamos uma espécie de jogral. Comecei a tocar violão em 1971, aos 13 anos, num semestre que passamos nos EUA, quando meu pai foi para lá como professor convidado. De volta ao Brasil, intensifiquei os estudos de violão e aos 15 anos, já fazia as minhas primeiras experiências com a Poesia Concreta. Creio que um dos primeiros poemas por mim musicados foi o Flor da Boca (também conhecido como Flor da Pele), feito por Augusto em 1959 e que apresento aqui, em vídeo, especialmente feito para a revista, com um arranjo especial para violão dobro e voz, que pode ser visto no link: https://youtu.be/xZSSacr7seU.

BA – Cid, quero lhe contar, como ouvinte e admiradora, que o CD "POESIA É RISCO" marcou profundamente minha vida e minha relação com a poesia. A sua música intensifica a natureza "verbivocovisual" da obra de Augusto, realizando uma inserção de cada poema não somente no universo sonoro como também projetando a visualidade que está ínsita em cada um deles. Aliás, lembro-me das apresentações realizadas com a colaboração de Walter Silveira, também magníficas. Conte-nos um pouco como foi a realização deste belo álbum.

CC - Em 1991, montei um estúdio de gravação de áudio, O MC2 Studio, que inicialmente funcionou no apartamento de meus pais, na rua Bocaina, em Perdizes, São Paulo, onde moramos por muitos anos e onde ocorreram muitas das reuniões que menciono acima. Eles haviam acabado de se mudar e pudemos instalar ali o estúdio, inicialmente de maneira bem improvisada, mas que logo tomou forma de um ótimo home-estúdio profissional. Lá dispúnhamos de gravadores (inicialmente de rolo, depois adats, dats e assim por diante) e computadores bem simples nesse começo, mas que sincronizados aos sintetizadores, samplers e multi-efeitos, nos proporcionavam resultados tão bons quanto os dos estúdios profissionais, pouco acessíveis na época. Assim, entre jingles publicitários, trilhas sonoras para documentários, filmes, dança, etc..., iniciamos alguns projetos de gravação com oralização de poesia. Comecei, então, a musicalizar e criar tratamento sonoro para as leituras de Augusto, Décio e Haroldo, além de muitos outros poetas que passaram por ali. O projeto "POESIA É RISCO" foi acontecendo ao longo desses primeiros anos de trabalho no estúdio, até ser lançado em CD e fita cassete, em 1995. Eu e Augusto, sempre tivemos muita facilidade e sintonia para trabalhar juntos. Ele sempre curtiu o ambiente do estúdio, sobretudo as experimentações vocais e musicais criadas ali, cujo resultado sempre nos encantava, sobretudo quando ocorriam acasos no processo de nossas experimentações. Nesse trabalho, procurei fazer uma música que dialogasse com profundidade com a poesia de Augusto, usando ao máximo o potencial de suas oralizações, através dos recursos proporcionados pelo estúdio. "POESIA É RISCO", foi o trabalho mais experimental que fiz. Nesse período, montamos o show "POESIA É RISCO", um espetáculo verbivocovisual com o repertório de nosso disco, contando também com projeções de vídeos e slides dos poemas, feitos por Augusto e Walter

Silveira. Na época, eu tinha acabado de comprar uma guitarra midi, que podia ser conectada a sintetizadores, mesclando sons digitas e analógicos. Foi um instrumento fundamental para a nossa apresentação ao vivo que, acrescido de playbacks préelaborados no estúdio, tornou possível nos apresentarmos apenas os dois no palco: Augusto, fazendo as oralizações e eu também na voz, guitarra midi e baixo de 6 cordas. Walter se incumbia de controlar as projeções de vídeos e slides, ficando sempre na cabine técnica ou em algum lugar de frente para o palco. Essas apresentações seguiram ao longo dos anos aqui no Brasil, EUA e Europa, sendo que a última fizemos em formato pocket, em Budapeste, na Hungria, por ocasião do prêmio de poesia Janus Pannonius, recebido por Augusto em 2017. Desde que Augusto decidiu não se apresentar mais, resolvi montar um espetáculo que chamei de "POESIA É RISCO SOLO", onde apresento sozinho várias músicas do "POESIA É RISCO", acrescidas de peças experimentais mais recentes.

BA - Cid, no amplo trabalho destes anos de parceria, muitas composições suas são feitas para poemas originais de Augusto. E outras, para poemas por ele traduzidos. Como tem sido seu processo de criação em cada um dos trabalhos? Você nota alguns pontos de diferença em cada processo? Quais?

CC- Na maioria das vezes, sobretudo no caso do "POESIA É RISCO", o Augusto já trazia uma leitura bastante elaborada para os seus poemas ou mesmo para as traduções. Muitas dessas leituras já vinham desde os anos 50/60. Assim como Augusto, Décio e Haroldo já tinham interpretações muito elaboradas para os seus trabalhos. Liam muito bem e na verdade, já sabiam como ler os poemas, o que acabava indicando um caminho, que poderia ser o de tratamento sonoro, através de superposições de vozes com efeitos como reverbers, ecos, etc..., como no poema "CIDADE, CITY, CITÉ", onde a música entra de forma percussiva apenas no final ou a composição musical propriamente. Há, por exemplo, o caso de O-H-O-T-N-A-G-F-A (Gafanhoto), tradução de poema de e. e. cummings, que gravamos no CD "POESIA É RISCO", onde a leitura de Augusto foi feita sobre a música que compus. As traduções muitas vezes permitem intervenções musicais mais pop ou jazzísticas, como as que fiz para o "CD EMILY", com as traduções de Augusto da poeta americana Emily

Dickinson. O importante disso tudo é captar espontaneamente a música que está dentro da poesia ou tradução e desenvolve-la através da composição musical até se tornar uma canção.

BA - Como é o processo de criação do compositor Cid Campos em geral? Se puder, nos conte como trabalha com suas próprias letras ou de outros parceiros. Cada trabalho pede um procedimento diferente? A música também nasce antes das letras/palavras/poemas?

CC- Normalmente componho ao violão ou mesmo na quitarra. Mas, por exemplo, em "O VERME E A ESTRELA" (Pedro Kilkerry), fiz a música no baixo de 6 cordas, que gravei no LP "ROCK DE AUTOR", no CD "POESIA É RISCO" e no CD "A FÁBRICA DO de Adriana Calcanhotto. Mas há também muitos trabalhos feitos POEMA, diretamente no computador, usando os timbres e efeitos dos programas de áudio. Muitas vezes a ideia musical vem antes, em outras o texto inspira a música. Quando a parceria é presencial, como já ocorreu com Walter Franco, Adriana Calcanhotto, Arnaldo Antunes, Camila Costa, entre outros, a música e a letra vão aparecendo juntas e ao vivo! Posso citar "EU REAL", com Walter Franco, gravada no meu CD "FALA DA PALAVRA", "QUANTO TEMPO", com Adriana Calcanhotto e "AQUELA VOCÊ", com Arnaldo Antunes, que estão no CD "NEM" e "RODADÁ", com Camila Costa, que compusemos numa tarde no estúdio e posteriormente lançamos como single. O processo é sempre ir tocando, tateando, persistindo, escrevendo... Não existe realmente uma regra, mas o fato é que temos que aproveitar quando estamos inspirados e motivados, pois sem isso não tem música, nem letra.

BA - Um dos mais notáveis trabalhos destes tempos mais recentes é o CD *EMILY*, com suas composições para os poemas de Emily Dickinson traduzidos por Augusto. Há alguma singularidade ou particularidade que você possa nos revelar sobre algum ou alguns dos trabalhos?

CC- Foi muito prazeroso trabalhar nesse projeto. Já conhecia alguma coisa da Emily, publicada anteriormente em livros do Augusto, mas quando ele lançou o livro "NÃO SOU NINGUÉM – EMILY DICKINSON", com vários poemas reunidos, é que realmente

descobri o potencial daqueles poemas, primorosamente traduzidos, para serem musicados e cantados. As músicas foram saindo meio blues, jazz, passando por boleros, bossas, além da mais experimental "POUCO, MAS MUITO", que abre o CD. Augusto, além de participar de todas as faixas com oralizações dos poemas, fez todo o projeto gráfico, assim como o de todos os meus CDs com exceção de "NEM, que por sinal, tem duas faixas com poemas de Emily. Nas gravações do CD "EMILY" fiz muitas coisas sozinho. Além das vozes, vocais, gravei todos os baixos, algumas guitarras, violões nylon e dobro, programações, etc..., mas também contei com a participação fantástica dos músicos Felipe Ávila - guitarra e violão, Moisés Alves - teclado e Alexandre Damasceno – bateria. Fiz também uma página sobre este CD no Facebook (Emily - Cid Campos).

BA - Qual a mais recente composição desta parceria?

CC – Recentemente fiz um vídeo com a música "ONTEM É HISTÓRIA", poema de Emily Dickinson traduzido por Augusto. Fiz especialmente para o Catálogo Poéticas na Quarentena, de Béné Fontelles, cujo número homenageia também os 90 anos do Augusto. Gravei aqui no estúdio e compus diretamente no teclado, usando delay na voz. Pode ser visto no meu canal de youtube, no link https://youtu.be/ZUNId_IWiiM.

BA - E qual o próximo projeto?

CC – Pretendo lançar um novo trabalho, ainda este ano, com músicas inéditas que fiz e algumas que estavam guardadas, sem nunca terem sido gravadas. Mas sem pressa...

BA - A valorização – em âmbito musical - de cada sílaba, de cada, letra – é um traço relevante na sua obra e é algo extremamente raro, ainda hoje, na contemporaneidade. Neste aspecto, reside, também, o mérito e a beleza de seus projetos e registros, tanto no que se refere às parcerias com Augusto de Campos e outros parceiros como nos seus trabalhos individuais. Como você vê esta valorização hoje no mundo?

CC – Sempre gostei de musicar poemas e textos, principalmente os considerados inimusicáveis. Transformar poucas palavras numa música. Achar um refrão onde não

há. Assim tem sido o meu trabalho ao longo desses anos. Trata-se de uma forma específica de olhar e criar um novo formato de apresentar esses trabalhos, que diferentemente de letras apropriadas para uma composição standard (parte A / parte B / refrão), ganham espaço e forma antes não imaginados.

BA - Cid, fale-nos um pouquinho de aspectos práticos do seu processo de criação? Você necessita de disciplina, horários, certos materiais? Gosta também de compor em viagens, noutras cidades, em hotéis? Estas circunstâncias lhe são indiferentes? CC- Diferente de muitos músicos e artistas que gostam da noite e da madrugada, eu produzo bastante de manhã, principalmente cedo. Não tenho regras, mas o fato de estar diariamente dentro do estúdio, cria uma rotina de trabalho muito importante para o meu processo de criação. Quando viajo sempre levo um violão e muitas vezes as composições acontecem, como várias músicas do CD "CRIANÇAS CRIONÇAS", que fiz numa temporada que passei na praia. As viagens em grupo, quando fazemos shows em outras cidades e países sempre são muito inspiradoras, pois proporcionam vivências, conversas, novidades, aprendizados, que acabam sendo filtrados para o processo de composição. Infelizmente nesse momento de pandemia, temos que nos virar exclusivamente com as lives, mesas redondas virtuais e outros eventos pela internet.

BA - Agradeço imensamente o diálogo e peço que relate ou comente algo do processo de criação na parceria com Augusto de Campos que ainda não tenha sido mencionado. Muito obrigada!

CC- Eu que agradeço as suas perguntas tão bem elaboradas e gentis! Para finalizar, seria aqui interessante comentar que gostei muito de ter lançado junto com Augusto, o projeto dos singles "TRANSBLUES", com as versões dele de "LOVE IN VAIN" (Robert Jonhson) — "AMOR EM VÃO" https://youtu.be/sroaQjhfuzg e "UP FROM THE SKIES" (Jimi Hendrix) — "VISITANTE DOS CÉUS" https://youtu.be/glEJ5Pp3hkl. Nesse trabalho toco violão dobro e canto e Augusto toca gaita, o que é muito interessante e muita gente desconhece esse lado músico dele!

i É músico, compositor, produtor musical, filho do poeta Augusto de Campos. Desde 1992 dirige o MC2 STUDIO, atuando sobretudo na área da experimentação musical. Gravou os CDs "Poesia é Risco", (parceria com Augusto) e os individuais "No Lago do Olho", "Fala da Palavra", "Crianças Crionças", "Nem" e "Emily" (com obras da poeta Emily Dickinson traduzidas por Augusto de Campos e musicadas por Cid) e "Visitante dos Céus" (Up From the Series Jimi Hendrix) e "Rodadá" (com Camila Costa). Apresentou "Poesia é Risco" no Brasil, EUA e Europa (1995 a 2017). Site: www.cidcampos.com.br